

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura
e Sociedade (CPDA)



Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura

Área Temática: Negociações Internacionais

Período de Análise: 01/07/2013 a 31/07/2013

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal Folha de São Paulo
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT
Carta Capital

Estagiária: Yohanan Barros

Índice

Importação de fertilizante sobe 31% no semestre. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Vaivém. 05/07/2013	3
Matérias-primas importadas encarecem três vezes mais que as nacionais. Cley Scholz – O Estado de São Paulo, Economia. 10/07/2013	4
Brasil quer que Mercosul feche proposta para EU. Fernando Exman – Valor Econômico, Brasil. 11/07/2013	5
Cresce temor dos produtores com escassez de mão de obra. John Flesher – Valor Econômico, Agronegócios. 12/07/2013	6
Alerta nas exportações agrícolas. Marcos Caramuru de Paiva – Folha de São Paulo, Colunistas. 13/07/2013	8
Soja segura superavit comercial com a China. Tatiana Freitas e Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Vaivém. 13/07/2013	9
Conab participa de reuniões com autoridades agrícolas em Washington – Site da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). 16/07/2013	10
Cade pode reavaliar licença concedida pela Monsanto à Bayer. Thiago Resende – Valor Econômico, Agronegócios. 16/07/2013	10
Monsanto 'desiste' da União Europeia. Bettina Barros – Valor Econômico, Agronegócios. 19/07/2013	12
Brasil busca flexibilidade do Mercosul para acelerar negociações com UE, diz agência – Folha de São Paulo, Mercado. 23/07/2013	13
Dilma discute com Francisco campanha de ajuda à África. Natuza Nery e Valdo Cruz – Folha de São Paulo, Poder. 23/07/2013	15
China testa limite do atual 'superciclo' das commodities. Gerson Freitas Jr. – Valor Econômico, Agronegócios. 22/07/2013	16
A China vai parar de importar grãos do Brasil? Rui Daher – Site da Carta Capital, Economia. 22/07/2013	18
'Janela' aberta para venda de soja brasileira da safra 2013/14. Mariana Caetano – Valor Econômico, Agronegócios. 22/07/2013	20
Alta do dólar eleva custo para plantar soja em MT – Valor Econômico, Agronegócios. 24/07/2013	22
Dow Chemical tem lucro acima do esperado com demanda por pesticidas. Garima Goel e Swetha Gopinath – O Globo, Economia. 25/07/2013	22
Potash enfrenta mercado disputado. Carine Ferreira – Valor Econômico, Agronegócios. 26/07/2013	23
Multinacionais reclamam de economia fraca do Brasil, manifestações e câmbio. Tatiana Freitas – Folha de São Paulo, Mercado. 27/07/2013	24

Importação de fertilizante sobe 31% no semestre. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Vaivém. 05/07/2013

Para evitar um caos logístico nos meses que antecedem o plantio da principal safra de grãos, as indústrias anteciparam as compras de fertilizantes neste ano.

As importações de adubos e fertilizantes somaram US\$ 4,2 bilhões neste primeiro semestre, de acordo com dados da Secex (Secretaria de Comércio Exterior).

O valor é 31% maior do que o registrado no mesmo período do ano passado e supera em 17% o apurado no primeiro semestre de 2011, quando a entrega total de fertilizantes alcançou o recorde de 28,3 milhões de toneladas no país.

O resultado indica uma tendência no setor: a compra antecipada dos insumos.

"As condições dos nossos portos estão muito ruins. Para escapar desse gargalo, os misturadores têm de antecipar cada vez mais a logística", diz Carlos Eduardo Florence, diretor-executivo da AMA (Associação dos Misturadores de Adubos do Brasil).

No ano passado, principalmente entre julho e agosto, formaram-se longas filas de navios contendo fertilizantes à espera de espaço para atracar no porto de Paranaguá (PR), que recebe aproximadamente metade dos adubos importados pelo Brasil.

Em alguns Estados, chegaram a ser registrados atrasos na entrega dos insumos aos agricultores, que começam a plantar a safra de grãos entre setembro e outubro.

Segundo Florence, um navio está demorando cerca de 40 dias para atracar em Paranaguá ou em Santos. "Em maio ou em junho, mesmo que o procedimento nos portos demore, os insumos chegam a tempo para serem utilizados na próxima safra."

A boa renda do produtor, após uma safra de preços elevados para os grãos, também explica a antecipação da compra dos insumos.

O Brasil busca no exterior cerca de 75% dos nutrientes que usa como adubo. Como a área cultivada com grãos será recorde na próxima safra, a necessidade de importação também é crescente.

Florence estima que as compras de adubos e de fertilizantes do exterior vão chegar a 20 milhões de toneladas neste ano, superior às 19,5 milhões de toneladas contabilizadas em 2012.

Até maio, haviam sido importadas cerca de 8 milhões de toneladas -o volume importado em junho ainda não foi divulgado pela Secex.

Matérias-primas importadas encarecem três vezes mais que as nacionais. Cley Scholz – O Estado de São Paulo, Economia. 10/07/2013

Com déficit comercial recorde no semestre, setor químico sente efeitos da recuperação americana

SÃO PAULO - Os preços dos produtos químicos importados subiram três vezes mais que os dos similares nacionais nos últimos seis meses. Dois motivos explicam a tendência: a recuperação da economia americana e o fim da Guerra dos Portos, que eliminou os incentivos aos importadores.

Segundo balanço da indústria química nacional, os produtos importados tiveram reajuste de 11,59% em reais no semestre, enquanto os produtos nacionais subiram 4,32%. "A melhora da economia americana e o fim de subsídios da Guerra dos Portos estão mudando o mercado", afirmou o presidente da Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim), Fernando Figueiredo.

O setor encerrou o primeiro semestre com um déficit recorde de US\$ 14,9 bilhões, 13,4% superior ao do primeiro semestre do ano passado. Enquanto as importações aumentaram 13,4% de janeiro a junho, as importações caíram 5,1%. O Brasil importou US\$ 22 bilhões em produtos químicos no semestre, e só conseguiu exportar US\$ 7 bilhões.

Um dos fatores que pesou no déficit recorde da balança setorial foi o aumento das importações de fertilizantes. "Esse é o lado bom da balança, pois significa que o agronegócio está crescendo no Brasil", comenta o presidente da Abiquim. "O lado ruim é que o Brasil continua dependente de fertilizantes importados, embora tenhamos muitos projetos governamentais para ampliar a produção".

Câmbio. Mas o presidente da Abiquim vê sinais positivos no mercado. O primeiro deles é o câmbio, que ficou mais favorável aos exportadores brasileiros com o dólar cotado atualmente em R\$ 2,26. "A desvalorização do real frente ao dólar ajuda a compensar o dumping dos produtos chineses", afirma o presidente da Abiquim. "A cotação ideal, para nós, seria de R\$ 2,40", afirma.

Outro fator positivo é a recente desoneração do PIS e da Cofins dos produtos químicos de primeira e segunda geração, já em vigor. "O grande problema do setor químico é a falta de competitividade da indústria brasileira em relação aos competidores externos", resume Figueiredo.

Um fator que preocupa a indústria nacional é o barateamento do gás natural nos Estados Unidos, decorrente da exploração do gás de xisto, que está revolucionando o mercado mundial. O gás mais barato nos Estados Unidos deixa os americanos mais competitivos em matérias primas que utilizam o gás como componente básico, como o metanol, o negro de fumo (usado na fabricação de pneus), a amônia e a ureia.

Brasil quer que Mercosul feche proposta para EU. Fernando Exman – Valor Econômico, Brasil. 11/07/2013

Às vésperas da reunião de cúpula do Mercosul, o governo brasileiro tenta definir uma proposta para a oferta de liberalização comercial que deve ser feita pelo bloco à União Europeia até o fim do ano. A ideia das autoridades brasileiras é que essa proposta possa ser discutida com Argentina, Uruguai e Venezuela entre hoje e sexta-feira, quando os presidentes dos países que integram o bloco desembarcarão em Montevideú para o encontro.

Setores da administração Dilma Rousseff consideram insuficiente a oferta espontânea do setor produtivo de liberalizar 77% das linhas tarifárias, e querem ampliá-la para 90%. Para diplomatas, cabe ao governo promover a negociação de uma "proposta melhorada". O assunto é tratado entre o Itamaraty, a área econômica e os demais ministérios que integram a Câmara de Comércio Exterior (Camex).

"O governo precisa induzir essa oferta melhorada", comentou uma autoridade envolvida nas articulações, segundo quem é preciso aproveitar que o setor privado dá sinais de que quer ver avançar as negociações com os europeus. "Isso [77%] é pouco. O desejável é 90%, algo considerado substancial."

Mercosul e União Europeia combinaram de trocar ofertas neste segundo semestre de 2013. "É preciso que essa proposta [do Mercosul] surja. Hoje, ela não existe", disse a fonte.

Integrantes do governo acreditam que o agronegócio brasileiro possui a competitividade necessária para beneficiar-se de uma eventual abertura comercial. O caso da indústria, porém, é diferente. Essas autoridades avaliam que diversos segmentos da indústria carecem de competitividade e não podem deixar de contar com o Mercosul.

Os presidentes dos países que integram o bloco sul-americano se reunirão nesta semana em Montevideú, quando a Venezuela assumirá a presidência temporária do Mercosul. De acordo com diplomatas, representantes da União Europeia afirmaram que não veem obstáculos para as negociações com a Venezuela à frente do Mercosul.

Entre janeiro e maio deste ano, a União Europeia foi o destino de 19,4% das exportações brasileiras. Os embarques de produtos do Brasil para o bloco europeu somaram US\$ 18,08 bilhões no período, queda de 7,1% em relação ao verificado nos primeiros cinco meses de 2012.

A União Europeia também é um dos principais fornecedores do Brasil. As compras brasileiras de produtos europeus totalizaram US\$ 20,89 bilhões entre janeiro e maio, alta de 7,8% na comparação com o mesmo período do ano passado.

Cresce temor dos produtores com escassez de mão de obra. John Flesher – Valor Econômico, Agronegócios. 12/07/2013

Para Pat MacGuire, produtor de frutas do norte de Michigan, o símbolo mais eloquente da discussão sobre imigração nos EUA não são as imagens de televisão de pessoas atravessando furtivamente a fronteira com o México. Para ele, emblemática é a visão de cerejas e maçãs caindo dos pés e apodrecendo no chão por não haver trabalhadores suficientes para colhê-las - um cenário que poderá se tornar realidade nos próximos dois meses.

No cinturão dos pomares de Michigan, cerejeiras já se dobram ao peso de cachos de um vermelho vivo, mas, mesmo assim, muitos trailers e casas de madeira que deveriam estar ocupados por famílias de migrantes continuam vazios. E McGuire não sabe se haverá trabalhadores para a colheita, na metade do mês.

"Estamos ficando sem tempo", diz ele enquanto inspeciona as frutas que amadurecem nas colinas próximas do Lago Michigan. De plantadores de árvores de natal dos montes Apalaches aos pecuaristas de leite de Wisconsin, passando pelos produtores de frutas e legumes da Califórnia, o setor agropecuário americano pressiona o Congresso por uma lei de imigração mais leniente e menos complicada para a contratação de trabalhadores rurais.

Uma medida aprovada recentemente pelo Senado, liderado pelos democratas, contém cláusulas que, segundo o lobby agrícola, são promissoras. A Câmara dos Representantes, controlada pelos republicanos, deverá analisar a questão em breve. Mas, com a outrora poderosa influência política da agricultura em declínio, depois que sua força de trabalho caiu para 2% da população, não se sabe como o setor se sairá.

As reclamações dos produtores sobre o encolhimento da mão de obra estão ofuscadas pelas questões ideológicas que envolvem a segurança da fronteira e a concessão de status legal para os imigrantes que estão ilegalmente no país. McGuire, de 42 anos, que se descreve como conservador e vota nos republicanos, estava entre os representantes da American Farm Bureau Federation que defenderam sua causa no Congresso na semana passada.

Seu grupo de Michigan visitou os gabinetes de oito legisladores e foi ao plenário do Senado, abordando congressistas. "Cada gabinete tinha um discurso pronto", diz McGuire, lembrando do que disse um funcionário sobre segurança na fronteira.

Os agricultores de Michigan contratam cerca de 45 mil trabalhadores sazonais em um ano típico, muitos deles imigrantes. Na primavera americana (segundo trimestre), parte da safra de aspargo ficou nos campos porque o número de pessoas disponíveis para a colheita foi pequeno. No Estado vizinho de Wisconsin, os trabalhadores imigrantes representam mais de 40% da mão de obra contratada por operações de laticínios cada vez maiores, segundo mostra um estudo feito pela Universidade de Wisconsin em 2008.

Kevin Krentz, que ordenha 500 vacas perto, diz que encontrar mão de obra local em número suficiente é uma luta constante. "Não se trata de um trabalho que vai das 9h às 17h. É um trabalho que é feito quando as vacas são alimentadas, quando são ordenhadas e quando as safras são colhidas", afirma. A situação representa um teste para a maioria republicana na Câmara dos Representantes (GOP, na sigla em inglês), diz Tom Nassif, presidente da Western Growers, organização de classe que representa os produtores de hortifrutícolas de Califórnia e Arizona.

Nassif, um republicano que ocupou cargos na administração Reagan, afirma que há pessoas no partido tão preocupadas com a imigração ilegal que tentam sabotar qualquer chance de reforma. Mas, se a Câmara não aprovar logo algo nesse sentido, diz, os eleitores "perderão toda confiança na capacidade do partido de legislar. As estatísticas mostram que os americanos acreditam na reforma da imigração".

O setor insiste que a falta crônica de mão de obra não é uma questão de remuneração baixa, e sim de haver pouquíssimos americanos dispostos a enfrentar longas horas de trabalho, sol inclemente e outras dificuldades do trabalho no campo, numa realidade que não estimula os trabalhadores agrícolas a educarem os filhos para seguirem seus passos.

O projeto de lei aprovado pelo Senado permite que trabalhadores agrícolas experientes obtenham "blue cards", o que os qualificaria a morar nos EUA por um ano. Os requerentes que entraram ilegalmente no país terão de pagar uma multa, os impostos devidos e passar por um levantamento de antecedentes. Outro programa novo permitiria que os produtores agrícolas contratassem "trabalhadores estrangeiros convidados", que receberiam vistos de permanência de três anos.

Mas poderá ser difícil vender essas políticas para os conservadores da Câmara dos Representantes, que classificam a ideia de "anistia". O representante Justin Amash, cujo distrito, no oeste de Michigan, inclui a cidade de Grand Rapids e áreas agrícolas remotas, é um exemplo típico de um republicano que sofre pressões dos dois lados. Agricultores de seu Estado natal estiveram em seu gabinete em Washington duas vezes recentemente. Mark Youngquist, produtor de maçãs do distrito de Amash, levou posteriormente um dos assessores do representante para uma volta por seus pomares.

Nesse dia, em uma reunião pública, o republicano, que está no segundo mandato, descreveu a falta de mão de obra no campo como "um problema que devemos enfrentar" e pediu empenho na questão da imigração. Mas seu comentário de que a deportação não é um modo realista de lidar com todas as 11 milhões de pessoas que estão ilegalmente no país provocou protestos irados.

Youngquist, 53, outro republicano convicto, afirma que gostaria que seus colegas conservadores fossem mais simpáticos com os imigrantes que preenchem vagas de trabalho que ninguém quer. Mas a fiscalização mais intensa na fronteira com o México parece cobrar seu preço, diz. (Tradução de Mario Zamarian)

Alerta nas exportações agrícolas. Marcos Caramuru de Paiva – Folha de São Paulo, Colunistas. 13/07/2013

Nossas exportações para a China no primeiro semestre de 2013 tiveram um desempenho razoável, em razão do aumento das vendas de soja, sobretudo, e da estabilidade de vendas dos demais produtos da pauta agrícola.

Mas ainda há muito o que fazer para ampliar nossa presença no mercado chinês de alimentos.

Além disso, há sinais de alerta naquele mercado que não podem ser subestimados num horizonte de médio prazo. Aqui vão três:

1. Os chineses estão aumentando as compras de empresas agrícolas em países com tradição nesse segmento. Há casos recentes emblemáticos: o gigante do mercado de vestimentas Shandon Ruyi comprou a Cubbie Station na Austrália, gigante na produção de algodão. A Shanghaihui comprou a Smithfield Foods, líder em carne de porco nos EUA.

Não faltam notícias de que grandes empresas chinesas estão procurando oportunidades em agricultura e pecuária no mundo. O esforço de aquisições está visivelmente agressivo.

2. A China pode avançar em acordos de livre-comércio. O acordo com a Nova Zelândia, em vigor há cinco anos, está mostrando resultados. Mostrará ainda mais. Considere, por exemplo, o caso da carne bovina. A Nova Zelândia, país de pequena dimensão territorial, tem 26 abatedouros autorizados a exportar para a China. O Brasil, apenas nove.

A China e a Austrália estão negociando um ALC. Ele está emperrado em temas difíceis. Um deles é o montante de recursos que os chineses poderão investir na compra de empresas australianas sem o escrutínio de Canberra: os chineses querem um limite de US\$ 910 milhões, os australianos menos da metade disso. Mas o novo primeiro-ministro australiano declarou que quer priorizar a negociação.

Há dias, o governo chinês deixou vazar que examina a possibilidade de associar-se à Estratégica Transpacífica de livre comércio. Se isso ocorrer, o que ainda parece improvável, dois gigantes agrícolas, os EUA e o Canadá, tornar-se-ão ainda mais competitivos.

3. Os chineses estão buscando viabilizar investimentos em agricultura na África. E tomar rumos inovadores, como o acordo celebrado em maio com a Índia para abrir a importação de carne de búfalo.

O setor privado brasileiro tem que estar atento. A CNA, por exemplo, abriu um escritório em Pequim e turbina sua atuação externa. O desafio não é banal. Envolve, a

um só tempo, ampliar o relacionamento com compradores, organizar melhor a oferta e investir pesadamente na produção exportável.

A ação governamental também pode avançar. O Brasil deve valer-se mais da parceria estratégica com a China para abrir portas; conseguir, por exemplo, um aumento substancial do número de plantas autorizadas a exportar proteína.

Nada há que assuste no curtíssimo prazo. E o mercado é gigantesco. Mas não se pode tomar o ganho das exportações agrícolas como garantido. A realidade muda muito rapidamente num país como a China. O risco de perder espaço é sempre alto para quem não está atento. Assim como as oportunidades se multiplicam para quem tiver energia e não as deixar escapar.

Soja segura superavit comercial com a China. Tatiana Freitas e Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Vaivém. 13/07/2013

Apesar da desaceleração da economia chinesa, o Brasil manteve o superavit comercial com o país asiático no primeiro semestre.

A diferença entre tudo o que o país exportou e importou da China somou US\$ 5,4 bilhões entre janeiro e junho, aumento de 5% em relação ao mesmo período de 2012.

Em 2011, o saldo havia sido positivo em US\$ 5,3 bilhões e, nos anos anteriores, ele foi bem mais modesto, além de ter havido deficit.

Logo, o ritmo menor de crescimento do gigante asiático pouco contribuiu para o deficit da balança comercial brasileira no primeiro semestre --o pior em 18 anos.

Com exceção do petróleo, que amargou queda de 25% nas exportações, os principais produtos da pauta exportadora para a China tiveram aumento nas vendas.

Até o minério de ferro, que passa por um período de preços baixos, registrou um leve crescimento, de 2%, nas receitas com as vendas à China.

Também houve altas significativas nas exportações de celulose (18%) e de açúcar (156%), segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior.

A maior influência para o superavit comercial, no entanto, partiu da soja, cujas vendas para a China aumentaram 25% nos seis primeiros meses deste ano.

Após um início de ano fraco, com os embarques prejudicados por problemas logísticos e pelas chuvas, as receitas geradas pelas vendas da oleaginosa para a China atingiram US\$ 9 bilhões só no segundo trimestre, ante US\$ 1,7 bilhão no primeiro.

Essa disparada nos embarques elevou o saldo comercial com a China para US\$ 6,5 bilhões entre abril e junho --o maior já registrado para um trimestre, segundo o Conselho Empresarial Brasil-China.

O apetite chinês não para por aí: o país deve responder por mais de 90% do aumento das exportações globais de soja na próxima safra.

Mas, se, por um lado, esse incremento pode continuar sustentando a balança, por outro ele inibe a atividade da indústria brasileira, já que a China compra o grão para produzir óleo e farelo de soja internamente.

Nesta safra, pela primeira vez, as exportações brasileiras do grão vão superar o volume de soja processado no país, segundo a Abiove (Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais).

Conab participa de reuniões com autoridades agrícolas em Washington – Site da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). 16/07/2013

O diretor de Política Agrícola e Informações da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), Sílvio Porto, e a Gerente de Informações Técnicas da Companhia, Edna Matsunaga, estiveram em Washington na última semana, para reuniões com o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) e com o Comitê Executivo da Organização de Informação de Mercado das Américas (OIMA), do qual a Conab participa como representante do Brasil e coordenador da Região do Cone Sul. As reuniões ocorreram na sede da Organização dos Estados Americanos (OEA).

Os gestores tiveram a oportunidade de trocar experiências com diversas autoridades da agricultura dos Estados Unidos. O economista-chefe Gerald Bange, do World Agricultural Outlook Board (WAOB) - braço do USDA que realiza o monitoramento global da agricultura - destacou a importância do Brasil no contexto mundial e o trabalho de safras realizado pela Conab. Mark Miller, diretor do National Agricultural Statistics Service (NASS), apresentou o trabalho de estatística agrícola realizado pelo órgão.

Nos encontros com representantes da OIMA, os representantes da Conab debateram com líderes da América do Norte, América Central e Caribe e países andinos formas de ampliar a integração dos países das Américas, o intercâmbio de informações agrícolas e o fortalecimento da instituição. Entre os temas em pauta, Sílvio Porto destaca a apresentação do economista-chefe do USDA, Joseph Glauber, sobre o sistema de informação de mercados agrícolas do G-20, com ênfase na necessidade de informações para melhor compreender os mercados.

Cade pode reavaliar licença concedida pela Monsanto à Bayer. Thiago Resende – Valor Econômico, Agronegócios. 16/07/2013

O Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) pode reavaliar a concessão de licença pela Monsanto para que a Bayer CropScience (divisão agrícola da multinacional alemã) reproduza sua nova variedade de soja transgênica.

No início do mês, uma decisão da Superintendência Geral do Cade permitiu que a operação fosse realizada sem a necessidade de notificação ao órgão antitruste. Mas a decisão poderá ser suspensa para que o negócio seja analisado novamente, desta vez, pelo plenário do órgão.

Os conselheiros vão definir se as empresas devem submeter à aprovação do Cade contratos que envolvam transferência de tecnologia antes que sejam válidos no mercado.

O contrato entre Monsanto e Bayer CropScience permite que a companhia alemã reproduza a tecnologia batizada comercialmente de Intacta RR2 Pro em suas variedades de soja no Brasil. As sementes Intacta possuem duas modificações genéticas, que protegem a planta do ataque de lagartas e a tornam resistente à aplicação do herbicida glifosato.

Para a Monsanto, a operação representa a "efetiva implantação do modelo de negócio idealizado pela empresa, ampliação da base de licenciados e, conseqüentemente, dos proventos ao grupo", segundo declarou ao Cade quando notificou o órgão sobre o caso.

Na avaliação da Superintendência, a licença à Bayer poderia ser feita sem o aval do Cade. Em despacho publicado no "Diário Oficial da União", a instância decidiu "pelo não conhecimento da operação" - em outras palavras, que o negócio não precisa ser analisado pelo órgão. A operação segue as regras da nova lei de defesa da concorrência e, portanto, só pode ser realizada após aprovação do órgão antitruste.

Alguns integrantes do Cade acreditam, porém, que esse entendimento da Superintendência pode limitar ou prejudicar a livre concorrência. Isso porque, para eles, o órgão tem que avaliar os efeitos das licenças no mercado.

O Valor PRO, serviço de tempo real do Valor, apurou que na próxima sessão - prevista para 7 de agosto - deve ser apresentado o pedido de avocação, em que a decisão da Superintendência fica suspensa e os conselheiros "puxam" o julgamento da operação.

Se a proposta for aceita pelo plenário, as empresas terão de aguardar a análise do processo pelos conselheiros para saber a posição final do Cade a respeito do negócio. A sugestão deve ser feita, durante a sessão, pelo conselheiro Eduardo Pontual.

Na decisão do começo do mês, a Superintendência já previa um possível entendimento contrário dos conselheiros. Se o plenário do Cade achar que o negócio tem de ser analisado, poderá "puxar" a operação para julgamento e, nesse caso, "recomenda-se que seja a operação aprovada, sem restrições", diz a decisão.

Em sessões anteriores, os conselheiros começaram a votar se contratos de licenciamento de marcas e patentes deveriam ser notificados ao órgão antitruste, mas ainda não há uma decisão e, sim, divergências sobre o tema. A discussão envolve outras quatro operações em que a Monsanto concedeu licenças da soja Intacta RR2 Pro - para a Syngenta, a

Cooperativa Central de Pesquisa Agrícola (Coodetec), Don Mario Sementes e Nidera Sementes.

O julgamento desses casos foi interrompido por um pedido de vista do conselheiro Pontual. Por isso, o caso entre Monsanto e Bayer deve ficar com ele. O julgamento desse processo não deve acontecer logo no dia 7 de agosto. Há um prazo para que Pontual coloque o negócio na pauta da sessão de julgamento.

Até conselheiros que já saíram do Cade votaram na discussão. Elvino Mendonça defendeu que operações que envolvem transferência de tecnologia via contrato de licenciamento sejam notificadas ao órgão de defesa da concorrência. Marcos Paulo Veríssimo teve entendimento contrário.

Alessandro Octaviani e Ana Frazão, que ainda são conselheiros, também divergiram. Para o primeiro, a transferência de tecnologia e de patentes entre empresas concorrentes pode resultar em riscos à competição no setor e, por isso, devem ser notificados ao Cade. Ana votou para que essas operações não sejam submetidas a julgamento do órgão.

Monsanto 'desiste' da União Europeia. Bettina Barros – Valor Econômico, Agronegócios. 19/07/2013

A Monsanto, maior empresa de sementes do mundo, anunciou ontem que desistiu dos planos de desenvolver novas sementes geneticamente modificadas na União Europeia. A decisão deriva da ainda forte resistência no bloco aos alimentos transgênicos, seja de consumidor ou dos governos, o que tem "segurado" a aprovação de novas variedades.

"Está claro que não existe um caminho para cultivo e comercialização de transgênicos na Europa", afirmou Mark Buckingham, porta-voz da companhia na Inglaterra, acrescentando que o foco do negócio na Europa passará a ser as sementes convencionais. "Precisamos focar nossos recursos limitados onde podemos obter retorno". A múlti planeja retirar os pedidos de aprovação comercial na Europa de seis variedades de milho transgênico, assim como de soja e beterraba. Mas vai continuar em busca de permissões para a importação dessas sementes.

A Monsanto não foi a primeira a desistir de investir em pesquisa com biotecnologia vegetal na Europa. Pelo mesmo motivo, em janeiro de 2012 a alemã Basf anunciou que faria um "reajuste de portfólio" e concentraria as atividades de transgenia nas Américas do Norte e do Sul. Além disso, transferiu a sede da Basf Plant Science, seu braço de biotecnologia, de Limburgerhof, na Alemanha, para Raleigh, nos EUA.

A Comissão Europeia, braço executivo da UE, limitou-se a informar que "tomou nota" da decisão da Monsanto, que detém o maior número de pendências de aprovação para variedades modificadas no bloco. Essa demora espelha suspeitas ainda bastante difundidas sobre a segurança dos transgênicos, já que grupos da sociedade civil europeia temem seus impactos no ambiente e na saúde. Em junho, acusações sem

comprovação científica de que o consumo de produtos transgênicos estaria relacionado a casos de câncer no sul da China provocaram celeuma nas redes sociais do país asiático.

A Monsanto e outras grandes companhias de biotecnologia, como Basf, DuPont e Syngenta, rechaçaram esses temores. Defenderam que a tecnologia não só é segura mas essencial para a demanda da população mundial por alimentos.

A UE permite o plantio de somente duas variedades de sementes transgênicas nos 28 países do bloco - o milho MON 810, da Monsanto, e a batata Amflora, da Basf. Bruxelas deu o sinal verde ao MON 810 em 1998, por um período de dez anos, e em 2007 a Monsanto requereu uma extensão desse prazo. Desde então, o processo está congelado. Na falta de uma decisão formal, o milho transgênico da múlti é plantado em pequena escala na Espanha, Portugal, República Tcheca, Romênia e Eslováquia, cujos governos são mais receptivos à tecnologia. O MON 810 parou de ser vendido na França em 2008 e na Alemanha em 2009, diante da forte oposição dos consumidores.

"Estamos convencidos de que a biotecnologia é chave para o século XXI. Porém, ainda há pouca aceitação em muitos locais da Europa - por parte da maioria dos consumidores, agricultores e políticos", disse Stefan Marcinowski, membro da Junta Diretiva Mundial da Basf, à época do anúncio da empresa. "Do ponto de vista de negócio, não faz sentido continuar os investimentos em produtos que são cultivados exclusivamente neste mercado".

Assim, a empresa breou o desenvolvimento de uma batata com amido modificado, da batata resistente à requeima (chamada Fortuna) e de uma variedade de trigo tolerante a doenças fúngicas. O portfólio da Basf Plant Science foi limitado a projetos nas áreas de alta produtividade e resistência ao estresse hídrico.

A companhia já trabalha em parceria com a Monsanto em milho, soja, algodão, canola e trigo transgênicos. Questionada se adotaria a mesma estratégia, a Syngenta afirmou que não há nenhuma decisão nesse sentido. "No entanto, um sistema de aprovação que funcione adequadamente na UE é essencial", ressaltou a companhia, baseada na Suíça. Procurada, a DuPont não se manifestou. (Com agências internacionais)

Brasil busca flexibilidade do Mercosul para acelerar negociações com UE, diz agência – Folha de São Paulo, Mercado. 23/07/2013

O Brasil quer mudar a forma como o bloco comercial do Mercosul negocia acordos comerciais com a União Europeia para acelerar as conversas que vêm acontecendo desde 1995, disse um alto funcionário do governo brasileiro à agência de notícias Reuters.

O Mercosul está tentando retomar as negociações com a UE, visando um acordo comercial que envolve 750 milhões de pessoas e US\$ 130 bilhões em comércio anual.

Pressionado por um déficit comercial crescente, o Brasil está liderando os esforços e, reconhecendo as diferenças no Mercosul, busca formas para permitir que os membros do bloco negociem em seu próprio ritmo.

"Nossa vontade é avançar nessa agenda de acordos comerciais. Os empresários também estão na mesma direção. O que temos que ver é como fazer isso", disse o secretário-executivo do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Ricardo Schaefer.

"O bloco é muito importante e estratégico para o Brasil, mas nós temos uma agenda e temos algumas assimetrias que precisamos enfrentar", acrescentou, observando que o Uruguai também quer se mover mais rápido, enquanto a Argentina, por causa de sua balança de problemas comerciais, prefere uma abordagem mais lenta.

A vontade da maior economia da América Latina de adotar uma abordagem flexível para a forma como o Mercosul negocia é uma indicação de que o Brasil está ficando cansado das restrições que o grupo coloca em seus planos de expansão no exterior para combater a desaceleração econômica em casa.

Grupos empresariais brasileiros pediram ao governo para pressionar o Mercosul para permitir que cada membro negocie acordos comerciais em seu próprio ritmo, em uma tentativa de acelerar as negociações.

"Nós não temos condições de descartar hoje nada a priori, nenhum caminho", disse Schaefer, que reconheceu que problemas de balança de pagamentos da Argentina adicionam uma "complexidade" para as negociações com os europeus. "A única coisa que podemos descartar é o fim do Mercosul."

Regras do Mercosul proíbem países de assinar unilateralmente negócios que envolvem o comércio de mercadorias.

Mesmo se o Mercosul acelerar negociações, um acordo com a UE ainda pode levar anos para se materializar, dizem analistas.

Ambos os lados concordaram conversar até o final do ano sobre o quão longe eles estão dispostos a ir na abertura de setores que vão desde serviços à agricultura.

Um déficit comercial crescente e possíveis acordos comerciais concorrentes têm pressionado a presidente brasileira, Dilma Rousseff, a buscar acordos bilaterais e regionais para reforçar as exportações num momento em que sua economia está com dificuldades.

Schaefer disse que uma desvalorização de quase 8% no valor da moeda do Brasil abre uma janela de oportunidade para os exportadores, que apenas há um ano viram o câmbio corroer seus lucros.

Ele disse que o país, grande produtor de commodities, está buscando assinar acordos de investimentos e serviços com outros países da América Latina, África e Estados Unidos.

Dilma deve fazer sua primeira visita de Estado aos Estados Unidos ainda este ano, em um avanço diplomático do qual as autoridades esperam um impulso comercial entre as maiores economias do continente.

Dilma discute com Francisco campanha de ajuda à África. Natuza Nery e Valdo Cruz – Folha de São Paulo, Poder. 23/07/2013

DE BRASÍLIA

A presidente Dilma Rousseff e o papa Francisco combinaram nesta segunda (22), durante o encontro reservado no Rio, elaborar uma campanha internacional de "ajuda efetiva" aos países da África no combate à pobreza e desigualdade social.

Segundo a Folha apurou, Vaticano e governo federal ficaram de destacar técnicos para discutir os detalhes dessa ação conjunta, como custo e formato.

A conversa entre a presidente e o papa Francisco, no Palácio da Guanabara, durou cerca de 15 minutos.

No encontro oficial, conforme interlocutores, Dilma afirmou que o Brasil tem experiência na exportação de tecnologia social e pode ajudar amplificar a ajuda ao continente africano a partir de experiências com financiamento e cooperação na área de agricultura familiar.

A ideia é que a Igreja Católica, com seu poder de mobilização mundial, atraia líderes internacionais à campanha. Para o Palácio do Planalto, essa "aliança" seria uma forma de transformar a pregação em prática.

Chamou a atenção do governo brasileiro a informalidade do papa, o que gerou apreensão da própria presidente da República e algum estresse com o Vaticano na montagem do esquema de segurança.

Tanto que, ao lado de sua equipe, Dilma assistiu pela TV ao trajeto do papa pelas ruas do Rio. Um dos momentos de maior tensão foi quando os batedores erraram o caminho e o carro ficou preso no trânsito, sendo cercado por pessoas.

Dilma e o papa Francisco conversaram em português e espanhol. No retorno a Brasília, ela contou a seus ministros que reforçou sua simpatia pelo papa e que ele é de uma simplicidade enorme e muito carismático.

Os ministros destacaram que o papa conversa com seus interlocutores olhando fixamente nos olhos das pessoas, sempre com um sorriso no rosto.

Durante a cerimônia de cumprimentos, Dilma ficou apresentando sua equipe. Ela fez questão de lembrar que dois de seus ministros têm origem de militância na Igreja Católica --Gilberto Carvalho (Secretaria-Geral) e Ideli Salvatti (Relações Institucionais), que participou de pastorais católicas.

O ministro Manoel Dias (Trabalho), do PDT, foi citado pela presidente Dilma como um grande companheiro de Leonel Brizola, a quem o papa conheceu.

China testa limite do atual 'superciclo' das commodities. Gerson Freitas Jr. – Valor Econômico, Agronegócios. 22/07/2013

A fase de alta do "superciclo" das commodities pode ter chegado ao fim para os mercados agrícolas. Com a desaceleração da economia chinesa e a esperada recuperação da oferta mundial, cada vez mais analistas se arriscam a dizer que a escalada iniciada na última década - e que impulsionou economias como a do Brasil - está ficando para trás.

De modo geral, as commodities estão caindo desde abril de 2011. No fim de junho, o índice Dow Jones-UBS (que monitora uma cesta de metais, combustíveis fósseis e produtos agrícolas no mercado futuro) atingiu a menor pontuação em três anos.

A exceção eram os grãos, que há menos de um ano atingiram as maiores cotações da história depois que a pior seca em 50 anos devastou a produção de milho e soja dos EUA. No entanto, estão agora em forte baixa diante da expectativa de uma supersafra mundial. Nos últimos 12 meses, o preço do milho caiu 36%, o do trigo, 28% e o da soja, 22% na bolsa de Chicago.

As agrícolas de origem tropical (as chamadas "soft commodities") estão em tendência de baixa há mais de dois anos. Pressionado por grandes excedentes, o açúcar negociado na bolsa de Nova York caiu quase 30% no último ano, para o menor patamar desde julho de 2010, enquanto o café recuou 35%, aos níveis de setembro de 2009.

O que economistas se perguntam é se o movimento atual é apenas uma flutuação típica de um mercado em constante desequilíbrio ou o início da fase de baixa do superciclo - ou seja, de uma longa trajetória de queda nos preços das commodities, como a observada ao longo dos anos 1980 e 1990.

Os superciclos das commodities podem ser compreendidos como longas flutuações de preço, ciclos que duram de 30 a 40 anos, divididos em uma fase de alta e outra de queda nas cotações. Em um estudo publicado em 2012, os economistas José Antonio Ocampo e Bilge Erten, da Universidade de Columbia, demonstraram a existência de quatro superciclos desde o último quarto do século 20. No caso dos produtos agrícolas, os três primeiros aconteceram entre 1894-1932, 1932-1971 e 1971-1999.

Para todas as commodities, 1999 marca o início do quarto superciclo, com uma alta de preço sem precedente na história capitalista, segundo a consultoria McKinsey, suficiente para mais do que anular a queda acumulada em todo o século passado. Num intervalo de dez anos, as cotações do petróleo e de metais como o cobre praticamente quintuplicaram, enquanto produtos como milho, soja, trigo e açúcar ficaram até três vezes mais caros.

"Penso que ainda estamos na fase de alta do ciclo, mas provavelmente no fim dela", afirma José Antonio Ocampo, em entrevista ao Valor. "A velocidade do crescimento global é o principal determinante dos ciclos. Se o crescimento for mais fraco, e acho que será, então isso pode levar ao fim da alta".

Ocampo observa que a fase de elevação dos preços nunca durou mais do que duas décadas nos superciclos anteriores - no caso específico das agrícolas, foram 23 anos de alta no primeiro ciclo (de 1894 até 1917), 19 anos no segundo (de 1932 a 1951) e apenas dois anos no terceiro (1971 a 1973). Desde o início do quarto ciclo, já se passaram 14 anos.

Para Ocampo, a sobrevivência do ciclo atual depende de como a economia chinesa vai se comportar daqui para frente. "Esse é um fator crítico. O rápido processo de urbanização e aumento da renda na China foi determinante para a alta das commodities, mas o país cresce há duas décadas e há consenso de que está desacelerando", afirma.

Segundo diferentes previsões, a China não deve crescer mais do que 7,5% neste ano e pode oscilar entre 6% e 7% até o fim da década - passo cada vez mais distante dos 14,2% registrados em 2007. "Em poucos anos, veremos a China crescer abaixo de 5%", arrisca Pedro Dejneka, analista de commodities agrícolas da PHDerivativos, em Chicago.

Para Dejneka, a demanda chinesa por grãos vai continuar forte, mas vai crescer em ritmo mais lento nos próximos anos. "O choque de demanda criado pela rápida ascensão da China - um país sobre o qual quase ninguém falava até os anos 1990 - passou".

Outros choques de demanda, como os criados pela Lei dos Combustíveis Renováveis dos Estados Unidos (2007), também já foram absorvidos. Em poucos anos, vale lembrar, o uso de milho para a produção de etanol saltou de praticamente zero para mais de 100 milhões de toneladas. Contudo, essa demanda começa a se estabilizar, uma vez que o aumento do uso de etanol deverá, por lei, se apoiar em outras fontes nos próximos anos.

Por essas razões, os preços das matérias-primas tendem a se acomodar em patamares mais baixos daqui para frente. Para o Banco Mundial, os preços nominais em dólar de produtos como soja, milho, trigo, óleo de palma, carne bovina e de frango, além de cobre e petróleo, devem encerrar a década em patamares médios ligeiramente inferiores aos de 2013.

Para o consultor de commodities Shawn Hackett, da Hackett Advisors, da Flórida, os preços dos grãos devem "ter um alívio e permanecer bem abaixo de onde estiveram por alguns anos". "Carnes e lácteos são itens alimentícios caros. À medida que a China continue a desacelerar, a demanda por esses produtos mais caros também vai ceder e, naturalmente, o consumo de grãos para fabricação de ração". Hackett afirma, porém, que os preços dos grãos podem ter uma escalada final entre 2017 e 2018, em virtude de

eventuais problemas climáticos combinados com uma recuperação da economia chinesa, antes de finalmente entrar em sua fase de queda no ciclo.

Contudo, há quem seja cético em relação ao fim da fase de alta do último superciclo. Michael Haigh, chefe global de commodities do Societe Generale, é um deles. Ele lembra que superciclos são processos que podem durar décadas e refletem processos de mudança estrutural na economia - como foi com a ascensão econômica dos EUA no início do século 20, a reconstrução da Europa após a 2ª Guerra e a emergência do Japão entre os anos 1960 e 1970. "O último superciclo decorreu de processos de urbanização, crescimento populacional e da classe média nos países emergentes. A menos que você acredite que essas três coisas serão colocadas em espera, não pode achar que o superciclo acabou".

Para o economista, episódios como a quebra do Lehman Brothers, a ameaça de colapso do euro e o 'abismo fiscal' americano provocam fortes oscilações nos preços das commodities, mas não mudam a tendência de longo prazo. "Seria como dizer que não há mais incentivos à expansão da fronteira agrícola e aos investimentos em infraestrutura no Brasil, o que não me parece o caso".

De acordo com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), lembra o economista, cerca de 3 bilhões de pessoas vão ascender às classes médias de consumo até 2030 em todo o mundo, sobretudo na Ásia e no Pacífico, totalizando 4,9 bilhões. Em 2009, segundo o mesmo estudo, esse número era inferior a 2 bilhões de pessoas. "Quando você olha para os aspectos demográficos, não dá para falar em reversão", afirma Haigh.

Para ele, o recuo recente das commodities reflete o que ele chama "ciclos de negócios", flutuações mais curtas dentro dos superciclos. "No primeiro superciclo, houve 11 ciclos de negócios, com enorme variação de preços dentro deles". Apenas no superciclo atual, foram dois ciclos de negócios (estouro da bolha imobiliária dos EUA, em 2008, e a crise da zona do euro, em 2011). "Ainda assim, os preços das commodities seguem resilientes, em níveis muito elevados em relação aos períodos de depressão. Quando terminaram os superciclos anteriores, como em 1914 e 1973, o impacto foi muito maior".

A China vai parar de importar grãos do Brasil? Rui Daher – Site da Carta Capital, Economia. 22/07/2013

Mesmo com sua economia em desaceleração, país asiático vai continuar precisando de alimentos

Foi anunciado o crescimento de 7,5% para o PIB da China no 2º trimestre de 2013 em relação ao mesmo período do ano passado. Confirma-se tendência de desaceleração no mais recente motor da economia mundial.

Nada imprevisto, até porque desejado pelo governo chinês desde que percebeu insustentável manter por 35 anos crescimento médio anual de 10%.

O pouso vem sendo suave e pode nem mesmo parar nesses 7,5%. O Centro de Pesquisa em Desenvolvimento do Conselho do Estado prevê que o crescimento chinês, no período 2018/22, se estabilize em 6,8%.

Se os países que se beneficiaram do estrondoso desempenho da economia chinesa nas últimas décadas, sobretudo exportadores de bens primários, bambearam os joelhos, folhas e telas cotidianas, seguindo volúpia catastrófica, nada fizeram para acalmá-los. Educadas que são, evitaram termo mais forte e bradaram: ferrou!

Não será tarefa fácil para o país transitar de uma economia altamente acelerada e com sérias distorções para uma mais lenta e equilibrada. Com menor dimensão, Japão e Coreia do Sul passaram pelas mesmas dificuldades nas décadas de 1970 e 1990, respectivamente. Pode acontecer quando uma economia menos desenvolvida começa a alcançar as mais avançadas.

A China planeja diminuir o peso de exportações e investimentos públicos para dar espaço ao consumo privado, que representa 35% do seu PIB. No Brasil, essa participação chega a 62%.

Sugiro calma. Não creio ter chegado o momento para que jovens em mochilas ergam cartazes em frente às representações diplomáticas chinesas no Brasil: “Tem que crescer, tem que crescer, tem que crescer!”. Chinês é meio encrencado para entender isso como um “direito fundamental da democracia”.

Puxarei brasas para as minhas sardinhas.

Nos últimos 12 anos, o consumo de alimentos básicos (arroz, milho, trigo e soja), no Império do Meio, cresceu 10% acima da produção, cuja capacidade de expansão está limitada por fatores climáticos, ambientais e de relevo, associados a um sistema coletivizado de baixa produtividade. Daí a sanha por importações.

Esse quadro tende a piorar para eles, o que não entristecerá nenhum produtor rural brasileiro, argentino ou norte-americano. Na China, é intenso o processo de urbanização de populações rurais. Tanto autóctone como estimulado pelo governo que, até 2025, deverá levar 250 milhões de pessoas para cidades recém-construídas.

O Partido Comunista Chinês age para inverter destino de populações antes mantidas nas zonas rurais através de reforma agrícola que, na década de 1950, distribuiu pequenos lotes de terra para, anos mais tarde, coletivizar suas produções.

Na década de 1980, cerca de 80% dos chineses viviam no campo; hoje, são 47%. O mesmo êxodo que ocorreu aqui através de construção política, econômica e social de cunho capitalista desregrado.

Com uma população quase sete vezes maior do que a nossa e renda familiar em contínua expansão, a produção de alimentos básicos na China, segundo dados de USDA e FAO, é apenas três vezes maior do que a do Brasil.

Entre 2000 e 2012, foram decrescentes as áreas plantadas com trigo e soja e não evoluiu a de arroz. Apenas a do milho teve crescimento. No mesmo período, lá a produtividade cresceu 20%; no Brasil, o dobro.

O desempenho agropecuário chinês, por todos os ângulos que se analise, é insuficiente para o crescimento populacional e a incorporação de novos segmentos ao consumo.

Conclusão à base de Maracujina: a China continuará a aumentar a demanda por bens primários e industrializados da agropecuária, e não terá como deixar de fazer grande parte das compras no Brasil.

Feliz década nova, agropecuarista!

'Janela' aberta para venda de soja brasileira da safra 2013/14. Mariana Caetano – Valor Econômico, Agronegócios. 22/07/2013

A esperança dos produtores brasileiros de que a forte disparada nos preços da soja no ano passado possa se repetir em 2013 ainda "segura" as negociações com a oleaginosa no país. Há um ano, a cotação do produto nacional foi turbinada por problemas climáticos que derrubaram a oferta da commodity nos Estados Unidos, e agora o temor com a possível volta de um tempo mais quente e seco no cinturão produtor americano aumentou a expectativa de novas valorizações.

"Os negócios estão realmente lentos, e como o produtor está capitalizado, há mesmo uma opção por segurar a soja", afirma Jerson Carvalho Pinto, da Diversa Corretora de Cereais, em Rondonópolis (MT). Atualmente, o preço oferecido pela saca na região está em torno de R\$ 52 para o produto com entrega em fevereiro (já referente à safra 2013/14, que começa a ser plantada em setembro) e R\$ 60 pela saca disponível no mercado. Segundo o corretor, entretanto, o valor pedido está entre R\$ 62 e R\$ 63 no disponível, e R\$ 53 e R\$ 54 no futuro, o que trava as vendas. "O pessoal vai comercializar em doses homeopáticas até onde aguentar".

No auge da tensão climática nos Estados Unidos em 2012, entre agosto e setembro, a oleaginosa chegou a ser negociada a mais de R\$ 70 por saca em Mato Grosso. Ocorre que, à época, muitos agricultores haviam vendido boa parte da safra antes desse pico de valorização, o que os impediu de tirar proveito máximo do tombo da colheita americana. Por isso, nesse momento a palavra de ordem entre os produtores é paciência.

Levantamento feito pelo Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária (Imea) ilustra bem a apatia na comercialização. Atualmente, as vendas antecipadas da safra 2013/14 de soja no Estado chegam a 26,7% (ou quase 7 milhões de toneladas), atraso de significativos 28,3 pontos percentuais ante o mesmo período do ciclo 2012/13. Na

comparação com a média das últimas três temporadas, as vendas estão 6,2 pontos percentuais atrás. Nem mesmo a recente valorização do dólar em relação ao real, que se refletiu no aumento dos preços da oleaginosa no mercado futuro, foi suficiente para a volta às vendas: os produtores elevaram a comercialização em apenas 5 pontos percentuais em julho ante junho, diz o Imea.

Já as vendas da safra 2012/13 mato-grossense avançaram 4,4 pontos percentuais em relação ao mês passado, para 93% de um total de 23,58 milhões de toneladas. Ainda assim, o valor fica 6,7 pontos percentuais abaixo do ano anterior, quando praticamente toda a soja já havia sido negociada. Em boletim divulgado no início da semana, o Imea classificou como "arriscada" a postura de reter a produção "pois os preços podem vir a cair e piorar ainda mais a remuneração dos produtores".

No Paraná, segundo maior produtor de soja do país, um corretor relata que as vendas antecipadas da safra 2013/14 não chegam nem a 10%, em relação aos 25% a 30% do mesmo período da temporada passada. Da safra já colhida, a 2012/13, ainda restam em torno de 25% (ou cerca de 4 milhões de toneladas) para serem negociados no Estado; a essa altura, no ano passado, toda a produção já havia sido contratada. "O produtor está com medo de perder dinheiro se a soja subir e tem preferido aproveitar para vender apenas quando há algum repique de preços", relata.

No momento, a soja disponível está cotada a R\$ 70 no porto de Paranaguá. As entregas programadas para março saem a R\$ 63 por saca. "Com esse valor, descontado o frete e demais custos, o produtor está recebendo no interior R\$ 53 ou R\$ 54 por saca, mas gostaria de uns R\$ 55", afirma o corretor.

Já a soja gaúcha com entrega em maio no porto de Rio Grande tem sido negociada a R\$ 67 por saca, mas o frete elevado - em torno de R\$ 5 por saca - acaba por tornar a venda menos atrativa para os cerealistas. No mercado físico, as cotações estão em torno de R\$ 68 em Passo Fundo, mas o produtor espera algo acima de R\$ 70 para fechar negócio.

Segundo Claiton dos Santos, sócio-diretor da TS Corretora, do município de Passo Fundo, as vendas são pontuais, apenas para o cumprimento de compromissos financeiros. "No fim do mês, há alguns vencimentos de financiamentos de custeio das lavouras do ano passado, mas o governo já tem liberado verbas da próxima safra. Então, parte dos produtores pode utilizar esses recursos para quitar dívidas e ir segurando o grão, em busca de cotações ainda melhores", explica.

Na ponta compradora, o mercado também esfriou nos últimos 15 dias no Rio Grande do Sul. "Existe liquidez, há compradores interessados, mas não tem uma euforia de compra a qualquer custo", afirmou dos Santos. A percepção do corretor é que entre 15% e 20% da nova safra já foi vendida no Estado; da temporada 2012/13, devem restar em torno de 30% para serem negociados.

De forma geral, a expectativa é que, conforme a situação da safra americana ganhar contornos mais definidos, entre o fim de agosto e o início de setembro, as negociações da soja no Brasil caminharão a passos mais largos.

Alta do dólar eleva custo para plantar soja em MT – Valor Econômico, Agronegócios. 24/07/2013

A valorização de 5,6% do dólar em relação ao real em maio trouxe impactos diretos nas cotações da soja e nos preços dos insumos necessários para a produção no Brasil.

Conforme o Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária (Imea), ligado à Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Mato Grosso (Famato), no Estado o custo total para o plantio de soja convencional, por exemplo, chegou a R\$ 2.406,18 em junho, 4,6% a mais que em maio. No caso da soja transgênica, o valor ficou em R\$ 2.408,87, uma alta de 3,8% na mesma comparação.

Os gastos com defensivos subiram 5,6% em junho para as variedades comuns, enquanto para as geneticamente modificadas o aumento foi de 3,9%. Já o custo dos fertilizantes ficou cerca de 4,5%. O gasto com as sementes transgênicas apresentou queda de 4,4%, mas, nesse caso, por causa da liberação do plantio da variedade Intacta RR2, desenvolvida pela multinacional americana Monsanto. As sementes livres de transgenia, por sua vez, ficaram 1,2% mais caras em relação ao mês anterior.

O incremento nos custos vai na direção contrária do comportamento das cotações da oleaginosa. No último mês, o preço médio da soja com vencimento em março recuou 4,1% na bolsa de Chicago, enquanto em Mato Grosso a baixa foi de 1,1%. "Essa menor queda no preço doméstico se deve à elevação do dólar, que minimizou a perda nesse período", informou comunicado divulgado pelo Imea. (MC)

Dow Chemical tem lucro acima do esperado com demanda por pesticidas. Garima Goel e Swetha Gopinath – O Globo, Economia. 25/07/2013

Reuters

(Reuters) - A Dow Chemical teve crescimento de 16 por cento no lucro trimestral ajustado, acima das expectativas, guiado pela demanda robusta por uma nova linha de defensivos agrícolas. A escalada constante na renda agrícola dos Estados Unidos aumentou a demanda por sementes transgênicas e agrotóxicos, para o benefício tanto da Dow Chemical quanto de sua maior rival, a DuPont.

O negócio de ciência de agricultura da Dow Chemical também se beneficiou da forte demanda dos agricultores latino-americanos por produtos para proteção de culturas, tais como herbicidas e inseticidas.

As vendas voltadas a agronegócio, que fornece sementes, óleos e químicos, saltaram 10 por cento no trimestre. O desempenho foi o mais forte entre os seis segmentos operacionais da companhia norte-americana.

As margens da unidade de plásticos de performance, a maior da Dow Chemical, saltaram para 27,5 por cento no segundo trimestre ante 20,5 por cento no mesmo período do ano passado, também ajudando os resultados da empresa. A unidade divulgou o sexto trimestre consecutivo de crescimento de margem.

A divisão, que fornece plástico para fabricantes de brinquedos, construtoras e montadoras de veículos, gerou quase um quarto das vendas totais da empresa.

O lucro líquido subiu 72 por cento, para 2,34 bilhões dólares, ou 1,87 dólar por ação, no segundo trimestre, ante 649 milhões, ou 0,55 dólar por papel, um ano antes.

O resultado líquido foi impulsionado por um ganho não recorrente de 2,2 bilhões de dólares num processo de arbitragem aberto contra a estatal de produtos químicos do Kuwait, em maio.

Potash enfrenta mercado disputado. Carine Ferreira – Valor Econômico, Agronegócios. 26/07/2013

A multinacional canadense de fertilizantes Potash registrou lucro líquido de US\$ 643 milhões no 2º trimestre deste ano (US\$ 0,73 por ação), 23,2% acima dos US\$ 522 milhões de igual intervalo do ano passado (US\$ 0,60 por ação). Com o resultado, os ganhos no primeiro semestre alcançaram US\$ 1,2 bilhão, segundo a companhia.

A Potash, que se considera a maior em nutrientes para fertilizantes do mundo, teve Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) de US\$ 1,113 bilhão no 2º trimestre, ante US\$ 1,355 bilhão no mesmo período de 2012, recuo de 17,85%. "A demanda global por fertilizantes foi forte durante o trimestre, mas os mercados altamente competitivos de todo o mundo tiveram um impacto nos nossos resultados, disse o CEO da Potash, Bill Doyle, em comunicado.

O ritmo de embarques globais de potássio permaneceu robusto durante o trimestre. Apesar da forte demanda, o aumento da concorrência resultou em preços mais baixos em todos os principais mercados em relação ao mesmo período do ano passado, afirma a companhia.

De acordo com a Potash, os mercados globais de fosfato continuaram a sofrer os efeitos da falta de "ação" de compradores na Índia, a maior importadora mundial do nutriente. A demanda na América do Norte continuou relativamente forte e as exportações dos americanos para a América Latina foram significativas. Apesar do retorno da Índia ao mercado durante o trimestre, os preços dos adubos fosfatados ficaram mais baixos.

Para o próximo trimestre, a Potash estima lucro líquido entre US\$ 0,45 e US\$ 0,60 por ação. Para 2013, a previsão é de ganhos por ação entre US\$ 2,45 e US\$ 2,70.

Multinacionais reclamam de economia fraca do Brasil, manifestações e câmbio. Tatiana Freitas – Folha de São Paulo, Mercado. 27/07/2013

O aumento do consumo dos brasileiros perdeu a vez nos resultados das multinacionais que atuam no país e deu lugar a queixas sobre baixo crescimento econômico, inflação, depreciação cambial e os impactos dos protestos nas vendas de junho.

As reclamações sobre o Brasil marcam o tom dos balanços do segundo trimestre e das entrevistas a analistas de gigantes como Coca-Cola, Electrolux, Whirlpool, Unilever e Lexmark. Muito diferente dos anos anteriores, quando o gasto crescente dos brasileiros era comemorado.

Até o empresário Eike Batista foi citado: a derrocada de seu conglomerado afetou o lucro líquido da norte-americana General Electric. A empresa registrou uma baixa contábil de US\$ 108 milhões no balanço do segundo trimestre por causa de um investimento de US\$ 300 milhões feito no grupo EBX.

QUEIXAS

A Coca-Cola, cuja taxa de aumento de vendas na América Latina caiu pela metade entre o primeiro e o segundo trimestre (de 4% para 2%), citou "desafios macroeconômicos" nos principais mercados -lê-se Brasil e México-, como nível de endividamento, inflação e protestos no país.

"A taxa de crescimento da indústria de bebidas está de 1,5 a 2 pontos percentuais abaixo da média dos últimos quatro anos na América Latina", disse Muhtar Kent, presidente da Coca, durante teleconferência com analistas.

A desaceleração do setor afetou também a Ingredion, fornecedora de insumos para os fabricantes de bebidas.

"A economia brasileira está, de certa forma, estagnada e as nossas vendas para a indústria de cerveja continuam fracas", disse Ilene Gordon, presidente da Ingredion.

Em companhias com custos em dólares, a depreciação cambial afetou os balanços. "Nossos resultados foram impactados por aumento de custos. A valorização do dólar ante o real tornou matérias-primas mais caras", afirmou a analistas Keith McLoughlin, presidente da Electrolux.

A rival Whirlpool, dona da Brastemp, reduziu a sua estimativa de crescimento para o setor. "Vimos uma desaceleração da indústria, principalmente em junho devido aos protestos no Brasil. Então decidimos reduzir nossa expectativa para a demanda na região", disse Jeff Fettig, presidente da empresa.

A maioria dos problemas, no entanto, não é exclusiva do Brasil. A desaceleração no consumo é destacada em vários países emergentes. Por outro lado, as multinacionais comemoram a recuperação dos Estados Unidos.

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores

Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,
Catia Grisa, Claudia Job Schmitt, Fábio Luiz Búrgio,
Georges Flexor, Jorge Romano, Karina Kato,
Lauro Mattei, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado,
Philippe Bonnal, Renato S. Maluf, Silvia Zimmermann

Assistentes de Pesquisa

José Renato S. Porto, Valdemar João Wesz Junior

Secretária

Diva de Faria

op
pa **Observatório de Políticas**
Públicas para a Agricultura

cpda Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214

Fax: 21 2224 8577 – r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa